

## Rui Mourão: razões e disfarces da mente em delírio

Fábio Lucas\*

Para a mais completa análise de **Mergulho na região do espanto**, de Rui Mourão e a sua mais confiável interpretação e, afinal, para a urdidura de convincente juízo crítico, torna-se indispensável o emprego de uma visão interdisciplinar. É que consubstancializam a textura literária do autor informes procedentes da Psicologia e da História. Na verdade, o protagonista que se pronuncia na primeira pessoa do singular compendia ou configura uma personalidade doentia, formuladora de conceitos delirantes, inseguros, de baixo teor de credibilidade.

No entanto, o “eu poético” transita num contexto pleno de reminiscências históricas que alcançam e influenciam as individualidades. A fala da comunidade traduz um idioleto cuja pauta e repertório, repetitivos, formam os sistemas comunicativos paradigmáticos da parte central de Minas Gerais, compreendendo Ouro Preto e Belo Horizonte, ou seja, o antigo e o novo.

O protagonista, por sua vez, além de “viver” e “respirar” a atmosfera cultural, retrabalha toda a herança recebida das fontes formadoras da sua consciência. Assim, passado e futuro se mesclam na mente excitada, e os “vultos” da velha Vila Rica e de seus sequazes renascem no cérebro e se desnudam das honrarias históricas, das demarcações oficiais, das festas cívicas e arroubos patrióticos e se mostram na escala do cotidiano, com as mazelas que os impulsos da riqueza trazem consigo. Enfim, todas as glórias regionais e nacionais se estigmatizam. Ninguém presta. Tudo é pequeno, escravo dos instintos animais, selvagens.

O lastro historiográfico pune e desmistifica a herança da elite culta, em busca de poder econômico e político. A lógica e racionalidade do discurso narrativo, delegadas à mente enferma, operam, de certa forma, a revisão crítica do passado

\* Escritor e crítico literário. Fundador das revistas literárias **Vocação** e **Tendência**, ambas em Belo Horizonte.

fundador das Minas, que se consagrou sob a pedagogia de exortação dos Inconfidentes, ocasionalmente apanhados em suspeitas conspirações.

O narrador de **Mergulho na região do espanto**, no curso do solilóquio, menciona “minha obsessão pela leitura” (MOURÃO, 2015, p. 10). Desse saber adquirido é que transbordam os preciosos relatos do cotidiano das personalidades divinizadas nos cultos patrióticos. Ao leitor cabe distrair-se com o engenho literário de Rui Mourão ao individualizar os movimentos do protagonista no cenário colonial.

O primeiro “espanto” será o comando para que a personagem se dirigisse a Ouro Preto. Disponível, aposentado, acolheu do vulto misterioso a oportuna indicação, correspondente a adiado desejo. A mente cogitadora apresenta a primeira cisão: a que Ouro Preto se dirigir, a antiga ou a contemporânea? No intento persuasivo do narrador não passam de uma única e exclusiva verdade, “porque o homem está é na memória, nos tempos idos invariavelmente incompletos, que dependem do presente para se revelarem em renovada significação.” (MOURÃO, 2015, p. 10).

Certa camada crítica, subjacente aos enunciados históricos, ocupa a fala revisionista do narrador. A leitura intrínseca do romance oferece uma totalidade discursiva do autor, experiente ficcionista, a talhar um dos seus mais refinados textos literários. Até renasce o passado mineiro, acompanhado de seus vultos, todavia desprovidos da feição amável, Pejam-se de máscaras denunciadoras das fraquezas humanas numa escala que percorre do sublime ao sórdido.

E o narrador a conduzir penoso solilóquio? Rui Mourão o focaliza intoxicado de leituras, vítima dos excessos de conclusões apressadas, avessas ao rigor científico. Um bando de ficcionistas imaginosos a impor subjetividade em caso de ausência de documentos. Inventores de estórias.

O protagonista, determinado a cumprir a decisão de viajar, detona o explosivo da autoanálise que, por sua vez, desmancha o castelo-no-ar: relata episódios, retrata situações extremas, põe-se a salvo de estado de necessidade, opta pela vida e resiste à violência, ao arbítrio e à prepotência, enfim, tudo que é inerente ao poder colonial. Quanto às negociações de datas e legitimação de obras intrometiam-se regras e regulamentações ocasionais, externadas pelas aparências de poderosos chefes políticos locais. Homens de escassas luzes e muitas armas (roubadas, contrabandeadas e, até, permitidas mediante acordos não escritos).

Além da faceta de elucubrar sobre o justo e o injusto, o narrador, criatura do romancista, move-se com dinâmica credibilidade na esfera da associação dos

valores da vida prática com os conceitos da teoria das Letras. Para mera ilustração dessa riqueza temática, tome-se o trecho da página 159 à 173, fim do capítulo, em que surge o doutor Edvaldo Sotero, analista, a enfatizar a posição do ator, no palco perante a plateia ou no cinema, em projeção na tela fria diante do público atento, em busca de emoções. Também se fazem ler e comentar episódios retirados dos **Autos de Devassa da Inconfidência Mineira**. O tóxico das Letras vicia e aponta para a mente frágil e obsessiva o caminho da loucura.

A terapia corporal reforçada pela cura espiritual desproblematizaria o narrador? E a retidão moral que, para pensadores da linha de Georg Lukács, encontram na Ética o principal esteio da Filosofia? Ou todo o conhecimento não passa de mera ilusão, uma fantasia? Ou a trágica anedota que os avanços da Ciência e das Artes englobam no âmago da condição humana? Aliás, um dos mais densos capítulos exhibe opiniões sobre Tiradentes e, mais do que tudo, investiga o pensamento de Luís Vieira da Silva, que pontifica sobre o poder real e simbólico do ouro, da prata e dos metais preciosos, não deixando de assinalar a importância da igreja católica na eleição dos bens produtivos para o bem da coletividade.

Mais surpreendente é o relato do inconfidente José Álvares Maciel, ao qual o romancista concedeu a palavra, confidenciando em primeira pessoa ideias progressistas para o futuro da pátria, em aliança com a Inglaterra e os Estados Unidos no rumo da industrialização e dos princípios da maçonaria. Além disso, o contexto coloca Cláudio Manuel da Costa na possível liderança do desejado país independente.

Sob o ponto de vista intrínseco, estilístico, omitidas as cercanias historiográficas e o estudo de caso no campo da Psiquiatria, terá o leitor a gratificante fortuna de compulsar um texto cuidadosamente elaborado, leve, compacto, do respeitado romancista Rui Mourão, num de seus momentos mais sutis.

Recebido em 09/09/2016

Aceito em 11/10/2016